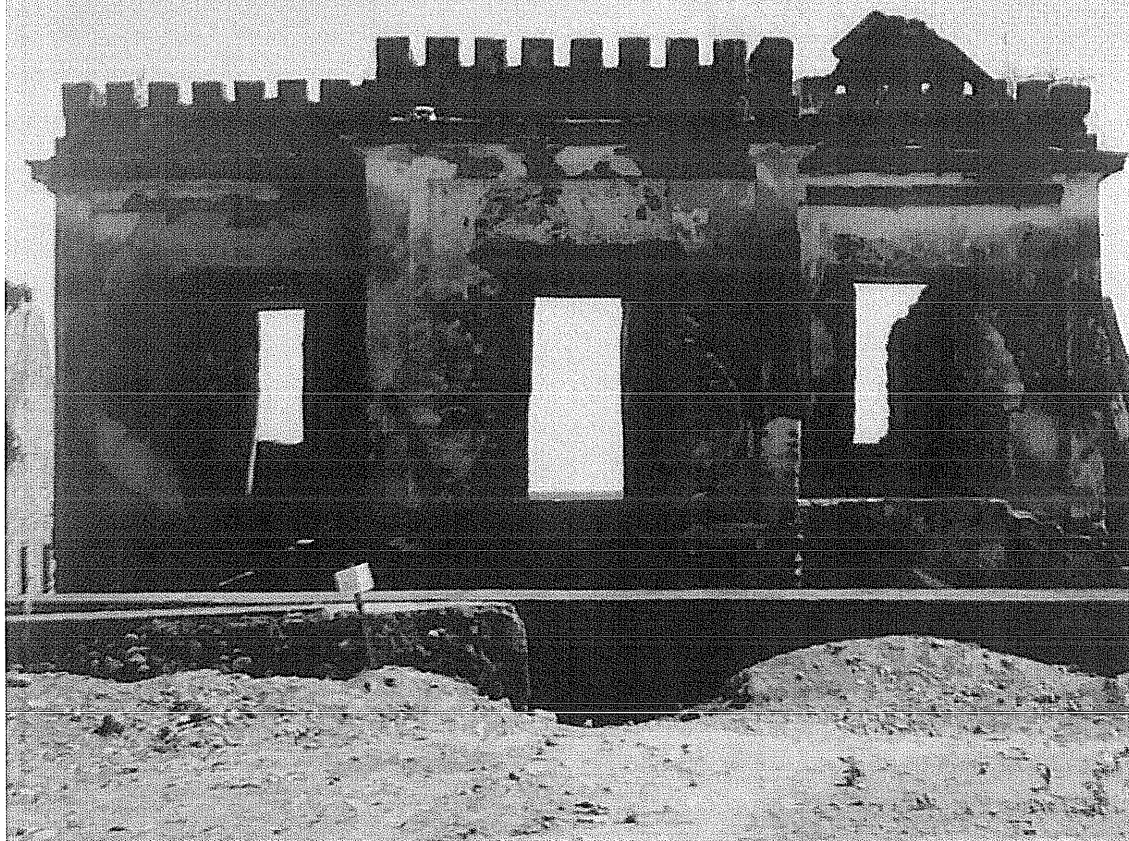


Vicente Paulino
(org.)

Somos arquivos da memória

Reflexões históricas e sócio-antropológicas sobre Timor-Leste



PDCPPGP

UNIDADE DE PRODUÇÃO E DISSEMINAÇÃO DO CONHECIMENTO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA DA UNTL
Diii, 2018

A etnografia nalgumas expedições científicas em Timor no século XIX

Maria Johanna C. Schouten*

Introdução

Este texto descreve e comenta algumas viagens de exploração realizadas por europeus na ilha de Timor. Incide sobre o século XIX, época do rápido desenvolvimento da ciência, inclusive o conjunto de saberes acerca do ser humano na sua variedade cultural e biológica, e na sua relação com o seu ambiente social e natural. À descrição de aspetos da vida cultural e social normalmente dá-se o nome de etnografia, enquanto cabe à antropologia cultural (também denominada de etnologia) ordenar e interpretar essas descrições.

Durante as diversas expedições científicas abordadas neste texto, também foram recolhidos dados sobre a(s) cultura(s) timorenses(s) – ou seja, praticou-se etnografia. O foco do texto não incide sobre os resultados obtidos, mas sobre o modo de levantamento de dados e sobre as dificuldades inerentes a expedições de descoberta; dificuldades essas que eram próprias daquela época, do território de Timor e talvez também próprias - até aos dias de hoje - da prática antropológica e etnográfica.

As três expedições que apresentamos no seguinte foram todas realizadas no século XIX, na ilha de Timor, mas eram de caráter bem diverso. A primeira foi a expedição Baudin, no início do século: um empreendimento ambicioso francês, com múltiplos participantes. A segunda exploração foi aquela de Henry Forbes, naturalista escocês, nos anos oitenta do século. E o terceiro caso, do mesmo período, recai sobre os empreendimentos de J.G.F. Riedel, funcionário do governo colonial das Índias Orientais Holandesas.

Os contextos

O interesse científico pela zona de Timor no século XIX não pode ser dissociado de motivos políticos e géo-estratégicos. Tanto a Holanda como Portugal tinham interesse em manter uma zona sob o seu domínio nesta periferia mais remota do arquipélago. Como países pequenos, nesta época do colonialismo ou do imperialismo incipiente, entendiam ser proveitoso e de qualidade simbólica a sua afirmação na Ásia frente aos maiores poderes europeus. Em Timor, a Holanda e Portugal chegaram nos

* Universidade da Beira Interior, Covilhã e CICS.NOVA.UMinho. Texto redigido com apoio financeiro da FCT (SFRH/BSAB/127793/2016).

anos 50 a um acordo (embora não definitivo) sobre a demarcação das fronteiras entre as partes respetivamente oriental e ocidental. Mais conhecimento sobre a ilha, cujo interior ainda não foi explorado pelos ocidentais, era considerado de grande utilidade para o empreendimento colonial, como por exemplo as eventuais expedições militares. Ademais, um entendimento da cultura e do ambiente natural da ilha tornaria, em princípio, os contactos com a população mas fáceis e menos arriscados. Assim, os funcionários, tanto os portugueses como os holandeses, incluíram dados de carácter etnográfico nos seus relatórios oficiais.

Com a intenção de reforçar a sua hegemonia e de obter lucro na sua possessão no sudeste asiático, o governo português financiou campanhas, nos anos de 1870 e 1880, para a recolha de produtos agrícolas e de cultura material de Timor Oriental. Entre os objetos enviados para a Europa encontravam-se, por exemplo, teares timorenses e dez *tais* (os famosos tecidos de Timor), acompanhados por apontamentos sobre as respetivas técnicas aplicadas na tecelagem¹³⁸.

A expansão do conhecimento sobre Timor também emanou da posição geoestratégica da ilha no hemisfério sul. No início do século XIX, nos roteiros marítimos a partir da Europa para o sudeste, Timor era o último lugar e porto conhecido onde os europeus tinham alguma presença notável. Atrás disso, mais para o sudeste, escondiam-se territórios cuja existência era vagamente conhecida mas que não foram explorados. Eram a Austrália (New Holland), onde em 1788 os primeiros europeus, principalmente exilados, se instalaram na zona de Botany Bay e Port Jackson, em Sydney, e também a Nova Zelândia, e a Nova Guiné e as ilhas na sua vizinhança. Estados europeus, em particular França e Inglaterra, que nessa época eram adversários numa guerra na Europa, visaram ter influência nas diversas zonas da Austrália. Enquanto Port Jackson podia ser alcançado pelos mares do sul do Oceano Índico, a partir da Cidade de Cabo¹³⁹, o percurso de expedições de exploração muitas vezes passava pelo arquipélago malaio. Neste caso, navegadores, por razões logísticas e sanitárias, sentiam frequentemente a necessidade de ancorar junto à ilha de Timor, geralmente na baía da cidade de Cupão, sob o domínio dos holandeses.

O «Bounty» e «Moby Dick» - passagens por Timor

A função de Cupão de porto de abastecimento e de auxílio a navios europeus e americanos, nos casos frequentes de doenças e danos, datou do período da exploração do Oceano Pacífico e reforçou-se com o desenvolvimento da caça comercial à baleia. Mencionamos uns exemplos famosos, fora do âmbito da etnografia.

Em 1789 o comandante do famoso navio *Bounty*, William Bligh, com 17 outros homens, chegou a Cupão numa pequena lancha. Eles foram expulsos do navio no

¹³⁸ Oliveira 2006: 34. Em 1882, em Coimbra foi inaugurada uma exposição dos produtos naturais e manufacturados de Macau e Timor.

¹³⁹ Por exemplo o *First Fleet*, que transportava os exilados da Inglaterra em 1788-1789.

decorrer do motim, em pleno Oceano Pacífico, tendo à sua disposição poucos alimentos e pouquíssimos instrumentos. Bligh transitou os mares do oceano e conseguiu passar o Estreito de Torres, para alcançar o porto de confiança mais próximo, precisamente Cupão. A distância de 6.701 km foi percorrida em 47 dias, um sucesso que se deveu à mestria náutica de Bligh, em grande parte apreendida durante a sua participação na terceira viagem de James Cook (1776-1780). A primeira notícia sobre os acontecimentos dramáticos em redor do *Bounty* chegou a Inglaterra mediante uma carta que Bligh escreveu à sua esposa e que foi enviada a partir de Cupão. E «Timor» adquiriu um lugar no título do relato de Bligh, publicado logo em 1790: *A Narrative of the Mutiny on board His Majesty's Ship "Bounty"; And the Subsequent Voyage of Part of the Crew, In the Ship's Boat, from Tofoa, one of the Friendly Islands, to Timor, a Dutch Settlement in the East Indies*¹⁴⁰.

Também para os baleeiros da época, Cupão era um porto de escala, assim como outros sítios em Timor tal como Citrana (em Oecusse) e Batugade na costa setentrional, terras brevemente descritas em diários de bordo, por exemplo pelo cirurgião John Wilson (Wilson em Forster 1991: 50-60; 319-334). Já em 1818 Rose Freycinet referiu a presença de baleeiros nessa zona (Freycinet 2003: 54-58). Herman Melville, quando ainda era marinheiro neste tipo de navio, desembarcou em Batugade ou arredores (Kammen 2016: 193; 52). Em *Moby Dick*, o seu livro angustiante sobre a caça à baleia, Melville invoca a baleia aterradora, Timor Tom: “Was it not thou, o Timor Tom, thou famed leviathan, scarred like an iceberg, who so long did'st lurk in the Oriental straits of that name, whose spout was oft seen from the palmy beach of Ombay?”¹⁴¹. O Estreito de Timor (ou o Estreito de Ombai) era conhecido pela sua abundância de baleias e assim atraiu os baleeiros da América e Inglaterra. Para além disso, a caça à baleia providenciava uma forma de subsistência a habitantes das costas das ilhas de Lembata e Solor, que a realizam de forma aparentemente simples mas com grande perícia técnica, como descrita pelo antropólogo Robert Barnes (1974; 1995; 1996) e no fim do século XIX pela bióloga neerlandesa Anna Weber-Van Bosse (1904: 56-59).

A etnografia nas expedições: A Expedição Baudin

A expedição francesa liderada por Nicolas Baudin tinha como objetivo a exploração da Austrália, e mais especificamente a ‘observação e pesquisa relatadas à Geografia e História Natural’. Conforme estes interesses, os dois navios envolvidos chamavam-se, respetivamente, o «Géographe» e o «Naturaliste». Dezenas de cientistas e artistas embarcavam em 1800 em Le Havre, mas apenas cinco destes iriam regressar a França. A expedição tinha objetivos estratégicos (a França procurava acesso a rotas de comércio na Ásia Oriental e nas Ilhas Molucas), mas sublinhado era sempre, também

¹⁴⁰ Naquele tempo, muitos livros tinham títulos que pareciam um resumo do conteúdo da obra.

¹⁴¹ Melville 1851, chapter 45, *The affadavit*

nos objetivos oficiais, o caráter puramente científico. Com efeito, certos episódios na viagem (o encontro amigável dos franceses com o navegador inglês Matthew Flinders, na costa sul da Austrália [Morgan 2015: 27-28] e o convívio dos franceses com os ingleses em Port Jackson [Péron e Freycinet 1816]) sugerem que o peso de aspetos de política e de rivalidade era reduzido na expedição. Deve-se ter em conta também o valor que Napoleão atribuía ao conhecimento científico, bem atestado na sua expedição a Egito. Portanto, estratégia política e curiosidade científica aliaram-se como motivos pela execução deste empreendimento ousado, em cujas preparações Bonaparte se envolveu pessoalmente.

Conforme o plano, a expedição observava e cartografava a costa ocidental da Austrália, mas prematuramente tinha de procurar um porto seguro para remediar os problemas de saúde, bem como os estragos aos navios. Também era necessário estabelecer contacto com a Europa, através do correio. O «porto seguro», Cupão, foi visitado por duas vezes durante a expedição Baudin, e os seus participantes ficavam por longos períodos em Timor ocidental (em 1801, de 18 de agosto até 13 de novembro, e em 1803, de 30 de abril até 3 de junho). Contudo, a presença dos franceses geralmente ficou limitada a Cupão e às suas imediações, onde os doentes podiam repousar e ser tratados, e os outros tinham de dar o seu melhor na reparação dos navios. Note-se que alguns chegavam aparentemente de boa saúde a Cupão, mas acabaram por adoecer aí. Provavelmente foram apanhados por, o que John Wilson nos anos 1840 chamava, “the proverbial Timor Fever”, uma febre que este mesmo médico dividia em “Brain Fever” e “Typhus Fever”¹⁴², e que indicavam provavelmente a malária e a disenteria, as doenças que mais atacavam os europeus. Portanto, aproveitar a estadia para fazer investigação em Timor, como muitos desejavam, não foi fácil. Acrescente-se que os oficiais holandeses desaconselhavam veementemente uma deambulação pelo interior da ilha, um aviso principalmente inspirado pelos conflitos armados recorrentes e pela atitude hostil dos nativos em relação aos europeus, poucos anos antes manifestada numa rebelião feroz¹⁴³.

Apesar de tudo isso, os franceses, na sua primeira estadia em Cupão, conseguiram efetuar certos trabalhos interessantes, como a execução de medidas hidrográficas. O zoólogo François Péron ainda executava um estudo de moluscos e zoófitos, na mesma baía, uma atividade arriscada (Deleuze 1816: 441). Os artistas Nicolas Petit e Charles-Alexandre Lesueur legaram-nos algumas obras importantes, como, no caso do primeiro, a série de retratos de «tipos da população de Cupão» e, do segundo, o «Panorama de Cupão».

A estadia em Timor no ano de 1803 proporcionou a Péron e Lesueur, amigos que partilhavam muitos interesses, uma oportunidade para tentar fazer uma contribuição

¹⁴² Wilson in Forster 1991, pp. 55; 58.

¹⁴³ Um aviso idêntico foi dado ao explorador inglês Matthew Flinders, que em 1803 permaneceu durante duas semanas em Cupão e que planeou uma investigação botânica em Timor, para efeitos de comparação com a flora da Austrália (Morgan 2015: 133-134).

particular à ciência natural. O seu objetivo, na altura da sua partida de França expressamente solicitado pelos patrocinadores, era a obtenção de um exemplar do «crocodilo de Timor», mais tarde chamado *Crocodilus porosus* ou *Crocodilus biporcatus*. Muito entusiastas e empenhados, sabiam que seria um empreendimento difícil, e não apenas por causa da força letal do réptil e dos perigos percebidos de uma deslocação fora da cidade de Cupão, para um sítio onde os crocodilos frequentemente descansavam em terra (Péron e Freycinet 1816: 265). A dificuldade fundamental encontrava-se na atitude, até hoje existente em toda a ilha, perante o crocodilo, um animal objeto de receio e de veneração, e considerado como um antepassado: o termo para «crocodilo» em várias línguas de Timor é idêntico à palavra para avó ou avô. Principalmente às pessoas com estatuto elevado era atribuída uma descendência de crocodilos, como foi o caso dos reis de Cupão. Estas ideias também podiam existir sobre não-timorenses, por exemplo Napoleão, como os membros da expedição verificavam quando exaltavam as qualidades e vitórias do general francês. (Lombard-Jourdan 1997: 93).

O crocodilo representava *lulik*, o conceito central nas crenças e práticas timorenses: sagrado e interdito. Wallace (1962 [1869]: 149-150) usa o termo *pomali*: tudo o que merece respeito e que deve ser evitado, tendo uma transgressão destas normas consequências fatais. Como encarnação *par excellence* do *lulik*, o crocodilo não podia ser matado¹⁴⁴, - de qualquer forma, não por timorenses- e este era um grande obstáculo para os prospectivos caçadores. No início, foi difícil encontrar timorenses como assistentes, e ao longo da expedição os seus participantes foram confrontados com muitos outros tabus, que a certos momentos pareciam inviabilizar a prossecução da caça. Os dois jovens dirigiram-se a uma zona a leste da baía de Cupão, a mais ou menos 30 quilómetros da cidade, onde o líder local tinha uma atitude favorável perante os europeus.

Péron deixou o seu depoimento sobre este empreendimento no relato definitivo e oficial da expedição Baudin, finalizado por Louis de Freycinet (Péron e Freycinet 1816: 265- 276). O relatório de Lesueur encontra-se no arquivo do *Muséum d'histoire naturelle du Havre (Collection Lesueur)* e foi estudado por Anne Lombard-Jourdan (1997). As passagens a seguir baseiam-se nos textos de Péron / Freycinet e de Lesueur / Lombard-Jourdan, que relatam a mesma estória em estilos diferentes.

Lesueur e Péron fornecem dados etnográficos preciosos sobre a população indígena de Timor Ocidental, - diferente da população de Cupão onde muitos habitantes tinham as suas raízes ancestrais numa região longínqua, como era o caso dos europeus ou eurasiáticos, dos chineses (Lombard-Jourdan 1999), árabes e dos «malaios», nome dado aos nativos oriundos de outras ilhas do arquipélago. Também era significativo o número de pessoas oriundos da ilha vizinha de Roti.

¹⁴⁴ Lembramos que isso foi na zona de Cupão, há mais de 200 anos.

Consta que os habitantes das aldeias aplicaram diversas estratégias para dissuadir os franceses do seu plano, por exemplo pela oferta de substitutos: «lagartos, peixes, insetos, ...» (Lombard-Jourdan 1997: 107). Mas os franceses estavam resolutos e efetivamente alcançaram o seu objetivo principal: conseguiram matar um crocodilo com um tiro certo nas vértebras dorsais (Lombard-Jourdan 1997: 108; Péron e Freycinet 1816: 271). Mesmo após a sua morte, verificou-se que este crocodilo manteve a sua aura de sagrado. Concluída a disseção *in loco*, os timorenses inicialmente recusaram-se a transportar os restos mortais. E antes de entrar na aldeia vizinha, os investigadores tiveram de proceder a uma lavagem dos seus corpos e da sua roupa. O contacto físico com o cadáver de um crocodilo era aparentemente considerado como fator de poluição ritual que poderia irradiar para outras pessoas. À chegada em Cupão, o governador, conhecendo os sentimentos dos timorenses e outros que viviam no Forte Concordia ou nas suas redondezas, proibiu a entrada dos restos do animal no terreno (Lombard-Jourdan 1997: 118). Os relatórios sobre esta expedição e os contactos com timorenses que aconteceram nestes poucos dias fornecem-nos inúmeros pedaços de informação sobre a vida comunal dos timorenses, a sua gastronomia, e a sua vida familiar. E mais do que isso, falam-nos das impressões dos investigadores e o seu convívio, em circunstâncias particulares, com os timorenses residentes numa área rural.

A etnografia nas expedições: Henry Ogg Forbes

O naturalista escocês Henry Forbes permaneceu de dezembro de 1882 até junho de 1883 em Timor Português, nos arredores de Díli e nas montanhas centrais ao sul e ao sudeste da capital.

Antes da sua viagem para o Sudeste Asiático, Forbes tinha estado ativamente envolvido em várias áreas científicas, entre estas a meteorologia, sobre a qual fez pesquisa em Lisboa nos anos 70 (Forbes 1877; Ellen 1978: 137), e a sua familiaridade com Portugal evidenciou-se em obras posteriores¹⁴⁵. Logo na primeira página do seu livro mais conhecido sobre o Sudeste Asiático, Forbes elege as vistas de Portugal, a partir do mar, como as que mais persistem nas recordações dos europeus em terras longínquas: “aquela agradável imagem entre as Berlengas e a serra da Arrábida - o estupendo e inútil convento de Mafra, as torres pontiagudas e os picos vibrantes de Sintra, e as torres reluzentes e os edifícios brancos de Lisboa, subindo da margem do rio.”¹⁴⁶

Durante a sua estadia em Timor estava na companhia da sua esposa Anna, com quem se tinha casado alguns meses antes em Bogor, na Java Ocidental. Anna apoiou o marido com tarefas como transcrever os seus apontamentos e ditados e escrever as

¹⁴⁵ Forbes também foi membro honorário da Sociedade de Geografia de Lisboa.

¹⁴⁶ Forbes 1885:3. No original: “... that pleasant picture nestling between the Burlings and the Arabida hills - the stupendous and useless convent of Mafra, the sharp turrets and bristling peaks of Cintra, and the flashing towers and white buildings of Lisbon, rising from the bank of the river.”

etiquetas das espécies guardadas. Também desenvolveu alguma habilidade na identificação das várias espécies de flora e fauna e no ofício da disseção de animais, e a sua posterior preservação¹⁴⁷. Não acompanhou Henry na grande expedição para o interior da ilha, ficando num abrigo simples na encosta da serra, onde acolhia e atendia os herbários que o marido mandava a partir do seu terreno de pesquisa. Neste período, ela foi atacada pela malária e testemunhava assaltos por nativos à sua casa. Sobre a sua viagem pelo arquipélago, Anna Forbes redigiu o livro *Insulinde: Experiences of a Naturalist's Wife in the Eastern Archipelago* (1887), publicado posterior ao livro do seu marido. No seu prefácio ao livro, Anna declarou que esta obra seria um relatório pessoal, dirigido especialmente a um público feminino, e que seria adaptada ao nível de conhecimento (supostamente baixo) e de interesse (supostamente por assuntos pessoais e domésticos) de mulheres: «Muitas mulheres que considerem voltar as costas a "A naturalist's wanderings" [título do livro de Henry Forbes] por ser demasiado científico, podem encontrar algum interesse em ler os meus mais simples relatos.» (Forbes 1887: vi).

A pesquisa de Henry Forbes enfrentou muitos obstáculos práticos. O acesso ao interior a partir de Díli era muito difícil: na inexistência de caminhos, ele e os seus assistentes frequentemente tinham de avançar pelos rebordos estreitos das montanhas, ao lado de ravinas, forçados a confiar completamente na destreza dos cavalos. Mau tempo, falta de mantimentos, a ameaça de guerra entre comunidades timorenses, eram outros fatores que dificultavam a pesquisa.

Mas o mais frustrante para Forbes parece ter sido o poder do *lulik*, das proibições. Certos terrenos, que precisamente para ele como explorador da natureza prometiam ter a súpula de interesse, revelavam-se como terra interdita. Não teve acesso a estas zonas, ou, noutros casos, não podia tocar em plantas e árvores. O exemplo mais flagrante relata-se à viagem para o Cume de Sobale, em Samoro (Manatuto), onde esperava encontrar um tesouro de espécies raras e preciosas. Após uma subida difícil e arriscada aproximava-se do topo e, de espírito animado, observava a abundância de flores e plantas, adivinhando as outras espécies lá existentes, ainda não visíveis. Mas rapidamente Forbes percebeu que este terreno também era *lulik*, e que a presença de timorenses (entre eles o filho do chefe da comunidade de Samoro) impossibilitava a recolha de plantas. Como tal, Forbes desenhou um plano secreto, e no dia seguinte, bem antes do nascer do sol, partiu na companhia do seu assistente não-timorense (oriundo de Goa). Todavia, não demorou muito até que os membros timorenses do seu grupo se aperceberam da escapada. Forbes, do seu lado, ao reparar que estava a ser seguido, com todo o fervor começou a recolher plantas: «Não podia perder tempo, por isso, eu cortava rapidamente do lado direito e do lado esquerdo, formando no solo um alto monte das espécies mais encantadoras.» Conseguiu, afinal, recolher «uma carga

¹⁴⁷ Uma breve biografia de Anna Forbes foi redigida por Barlow (1995).

para cinco homens» e quando se viu mesmo forçado a terminar esta acção, os seus assistentes transportaram este material para fora da terra *lulik*¹⁴⁸.

Pouco depois, Forbes teve de terminar a sua exploração. Recebeu notícias preocupantes acerca do estado de saúde da sua esposa, que já se encontrava a ser tratada no palácio do governador. Forbes dirigiu-se a este lugar e preparou logo a sua saída de Dili, e depois para a Europa, na companhia de Anna, em convalescença.

Estas estórias são apresentadas de forma extensiva nas suas obras, em particular *A naturalist's wanderings*. Nesta narrativa de viagem encontram-se as suas descobertas no que diz respeito à ciência natural, mas também muitos elementos etnográficos. Exemplos são o seu lidar com o fenómeno de *lulik*, referido em cima, e os relatos dos encontros com a população local. Não existem indicações acerca de um método seguido para obter dados etnográficos, e podemos assumir que estes dados foram meramente conseguidos «por acaso», porque o objetivo principal da expedição não era de teor etnográfico. É claro que a sua capacidade de observação, essencial para um biólogo como ele, ajudou muito. Também os oficiais portugueses forneceram orientações. De resto, parece que colocou muitas questões a pessoas, timorenses e outras. Infelizmente, Forbes raramente revela a identidade destes seus informantes, e também devemos assumir que recorria a um intérprete nos seus contactos com timorenses. Forbes, graças à sua estadia em Portugal, dominava o português mas esta língua só era falado no pequeno círculo de altos funcionários e comerciantes (Forbes 1885: 417). O seu conhecimento do malaio também tinha uma utilidade limitada para os contactos com a população nativa. Esta língua, que servia de veículo de comunicação nas outras ilhas do arquipélago que tinha visitado, parece ter caído em desuso em Timor Português, ao longo do século XIX. É esta a conclusão pelo menos que podemos retirar da famosa frase de Anna Forbes: «It is strange to hear no Malay in Dili» (Forbes 1887: 241). Já em 1860 (em texto publicado em 1862), o governador de Dili, Afonso de Castro, sugeriu que o malaio não tinha grande relevo no território, já que não mencionou essa língua no seu discurso sobre a variedade linguística, em que indica o tétum como língua de comunicação em Timor Português: «On parle beaucoup de dialectes à Timor; un de ces dialectes est le plus répandu; on le nomme la langue Teto, qui est en usage parmi les habitants de Dilly et dans la plupart des royaumes de l'est de l'île.» (Castro 1862: 499). Contudo, mais tarde apontou que os timorenses tinham facilidade em aprender malaio, enquanto a língua portuguesa colocou grandes dificuldades (Castro 1867: 328-329).

Sendo assim, Forbes encontrou obstáculos na comunicação com os timorenses, - o que mais ainda foi o caso da Anna, quando ela ficava sozinha na pequena casa, tendo como companhia intermitente apenas uma velha senhora timorense com quem ela não se entendia (Forbes 1887: 482)

¹⁴⁸ Forbes 1885: 475; 476. Este episódio, assim como uma exposição extensa sobre *lulik* e trabalho de campo antropológico, consta também em McWilliam et al. 2014.

Apesar do caráter aleatório da recolha de dados etnográficos por Forbes, encontramos muitas convergências entre as suas observações e os dados apresentados mais tarde por exploradores que se focavam mais na etnografia ou até na antropologia. Podemos constatar isso nas discussões de Forbes sobre: hábitos associados à agricultura; intervenções sobre o corpo, nomeadamente o adorno; padrões de tecelagem e de cestaria; línguas; liderança; o direito costumário; rituais matrimoniais e funerários; as casas sagradas (*uma-lulik*); música e dança; o dia-a-dia; e, o *lulik*, em geral. De forma recorrente relata situações que apontam para o estado de guerra permanente entre as comunidades e a atitude agressiva e beligerante da população do interior. «Eles são um povo vingativo, sem um vestígio de compaixão» (Forbes 1885: 464). Refere o estado de medo constante, entre a população, por assaltos, e sublinha os riscos a que ele estava sujeito «a viajar num país sem lei onde cada homem era o potencial adversário do seu vizinho, e onde, por isso, cada homem constantemente e ansiosamente estava sempre de alerta.»¹⁴⁹ A opinião de Forbes neste sentido teve as marcas da informação que recebeu dos oficiais portugueses, mas por outro lado, ele e a sua mulher tiveram algumas experiências desagradáveis com os timorenses, como assaltos (Forbes 1885: 424; 460). Todavia, Henry Forbes tinha uma grande vantagem: ele era, nas suas palavras (1885: 6) «mosquito-proof»: durante os anos que passou no arquipélago, nunca teve uma única picada de insetos, e portanto assumimos que a malária, que vitimou tantas pessoas em Timor e noutras ilhas, não o visitou. Contudo, teve outras doenças, por exemplo durante a sua estadia nas ilhas Tanimbar (Forbes 1887: 158-159).

A etnografia nas expedições: Johann Gerard Friedrich Riedel

A terceira e última expedição que queremos versar não teve como objetivo principal a ciência, mas um reforço da autoridade europeia na ilha, neste caso a autoridade neerlandesa em Timor Ocidental. As explorações foram levadas ao cabo pelo *Resident* (funcionário mais alto) da zona que no tempo colonial se chamava Timor em Onderhorigheden (Timor e as suas Dependências) e que tem uma certa convergência com a atual província da Indonésia Nusa Tenggara Timur. Antes do seu tempo de serviço em Cupão (1878-1880), Riedel tinha sido funcionário em várias zonas na parte oriental do arquipélago, e nestas todas mostrou a seu interesse por fenómenos naturais e culturais - atestado em múltiplas publicações nas áreas de zoologia, linguística, cultura material, usos e costumes, geologia, e mais ainda (Schouten 2014). De Timor e dos seus arredores, enviou esplêndidos exemplares da cultura material (como tecidos e esculturas em madeira) que agora se encontram em, nomeadamente, o Museu Nacional de Jakarta e o Museu de Etnografia em Leiden, Holanda. Das suas publicações etnográficas sobre Timor, refere-se o artigo “Die Landschaft Dawan oder

¹⁴⁹ Forbes 1885: 432. Tradução livre. Texto original: «travelling in a lawless land where everyman's hand was against his neighbour, and where therefore every man was constantly and restlessly in the outlook.»

West Timor” (1887), em que são enumeradas e descritos vários aspetos da vida (tal como os hábitos e a religião) dos habitantes da parte ocidental de Timor. Dawan foi o nome atribuído pelos holandeses, naquele tempo, ao maior grupo etnolinguístico nesse território, que noutros contextos foi e é denominado, alternativamente, como Atoni, Meto, Vaiqueno, ou (pelos holandeses) simplesmente como Timorense.

Riedel obteve dados sobre os habitantes de Timor ocidental ao longo do seu trabalho como administrador, e principalmente durante a sua travessia por via terrestre de Timor ocidental, da ponta ocidental até à fronteira com Timor português. Nesse tempo os neerlandeses tinham apenas dois postos de alguma importância em Timor ocidental: Cupão no oeste e Atapupu na costa setentrional. A ligação entre estes dois sítios fazia-se por via marítima, o que era o procedimento normal no arquipélago: era o mar que facilitava a comunicação, e era o interior acidentado, desconhecido e provavelmente hostil que era uma barreira. Ainda hoje o tráfico pelágico tem grande importância para os contactos entre povoações costeiras na Indonésia oriental, até nos casos em que habitam a mesma ilha.

A viagem de Riedel por Timor ocidental tinha objetivos administrativos, entre esses o apaziguar das almas depois de alguns conflitos sangrentos entre comunidades. A manutenção ou o re-estabelecimento da ordem foi um dos empreendimentos que constituíam uma exceção à política oficial neerlandesa, seguida até ao início do século XX, de não-intervenção na maior parte das comunidades indígenas no arquipélago¹⁵⁰.

Riedel resolveu percorrer todo o território, e segundo ele, foi a primeira vez que este trajeto foi seguido por um europeu. Na sua correspondência e em publicações (Meyer 1879; Riedel 1885) sublinhou os perigos e as dificuldades que enfrentou e o êxito que teve, apesar de ter dispensado de uma escolta militar, e de ter tido uma comitiva pequena. O que Riedel considerava «pequena» deve ser visto em perspectiva: foi acompanhado por um chefe de posto, um intérprete, um assistente pessoal, um cozinheiro e 30 rotinenses que transportavam alimentos, uma cadeira e acessórios para pernoitar (*slaapbenodigdheden*). A natureza destes acessórios não está especificada, mas por outro lado Riedel conta-nos num artigo no *Indische Gids* como é que passava as noites durante a viagem: nas casas dos timorenses «exceto quando mau cheiro e insetos me forçavam dormir fora, por baixo de uma árvore» (Riedel 1885b: 1267). Nesta mesma publicação, redigida após a sua aposentação, Riedel mencionou que membros da sua comitiva até tinham subido uma montanha perto de Molo, terreno sagrado, sem ter encontrado qualquer oposição por parte da população local. Isto ao contrário do seu sucessor, o *Resident* Sikman, que teve que pagar uma multa às autoridades timorenses locais, pelo mesmo intruso nos tabus. Sobre este episódio, a ser interpretado como uma humilhação para a administração holandesa, desenvolveu-se depois uma polémica na imprensa das Índias Holandesas em que Riedel, como consta, queria

¹⁵⁰ Schulte Nordholt 1971: 184-185; Farram 2004: 66-70.

afirmar que ele, em comparação com o seu sucessor, tinha tido autoridade e também *goodwill* suficiente para desafiar os hábitos dos timorenses, inclusive as crenças associadas ao *lulik* (Riedel 1885; Sikman 1885; Schouten 2014).

As três expedições: questões recorrentes e ainda atuais

Nenhuma das expedições retratadas tinha como objetivo explícito e único a etnografia, mas nos depoimentos escritos encontra-se uma abundância de dados etnográficos.

Apontaremos três pontos comuns aos empreendimentos mencionados.

Em primeiro lugar, o objetivo geral era «descobrir»: descobrir novas terras e descobrir novas espécies. Henry Forbes tinha uma paixão por plantas; Lesueur e Péron desejavam conhecer uma espécie ainda não descrita de crocodilo. Mas relativamente a este ponto e aplicando-se às três expedições, o mais interessante assunto numa perspectiva etnográfica-antropológica pode ser deduzido de uma carta redigida por Riedel. Esta foi destinada ao reputado cientista Adolf Meyer, diretor do Museu Zoológico e Antropológico-Etnológico em Dresden. Meyer publicou na revista *Nature* um resumo desta carta, em que sublinhou a dificuldade da viagem de Riedel pelo interior de Timor ocidental, e do qual citamos a seguinte frase:

«O viajante não viu quaisquer Negritos que, segundo as afirmações do M. Hamy, vivem no interior de Timor, e também não ouviu nada sobre um casuário, que recentemente foi reportado de lá»¹⁵¹.

Trata-se neste depoimento das grandes expectativas acerca da presença em Timor de criaturas extraordinárias, das quais no nosso artigo mais interessa a menção a “negritos”. Este termo referiu-se a grupos humanos em várias zonas da Ásia com um fenótipo próprio, que os distinguia bastante dos povos vizinhos. As particularidades são nomeadamente uma estatura baixa, uma pele muito escura e cabelo frisado. Viviam de forma muito simples, isolados e quase escondidos nas florestas ou noutros terrenos inóspitos. O «problema de negritos» cativou nessa época vários antropólogos do continente europeu¹⁵². «Negritos» ainda hoje é um termo aplicado a certos grupos nas

¹⁵¹ Meyer 1879. No original: «The traveller did not see any Negritos, who, according to the assertion of M. Hamy, live in the interior of Timor, nor did he hear anything of a Casuary which was reported from there recently.» A afirmação de Ernest Théodore Hamy, diretor do Musée d’Ethnographie em Paris, estava fundamentada num estudo da literatura e na observação de crânios (Hamy 1874).

¹⁵² A «questão dos negritos» (*Negritofrage*) foi introduzido pelo grande cientista alemão Rudolf Virchow, em 1870 (Zimmerman 2001: 301). Meyer, um estudante de Virchow, achou que o estudo de negritos (assumido como um «tipo» de humanos mais antigos) podia apresentar uma chave para a percepção da evolução cultural humana, e das migrações humanas. Dedicou vários estudos a negritos (por exemplo Meyer 1875; Meyer 1899) e chegou à conclusão que estes não existem em Timor. Ressalve-se que esta conclusão se baseou em parte nas várias observações relatadas por Riedel, com quem Meyer desde as suas viagens pela ilha de Celebes (Sulawesi) em 1870-1871 manteve relações de amizade (Meyer 1889; Schouten 2014: 212-213; 224).

ilhas Andaman, no sul de Tailândia, na península malaia e nas Filipinas, onde foram descritos pela primeira vez (ver Guedes 1996: 24-28).

Assumimos que para Riedel teria sido uma grande satisfação se tivesse identificado negritos no interior de Timor ocidental. Mesmo o não encontrar foi um dado suficientemente importante para ser referido na revista *Nature*.

Também Henry Forbes se manifestou ansioso por encontrar negritos, no seu caso em Timor oriental. E também ele não teve sucesso, mas registou que oficiais portugueses indicaram que as montanhas de Fatumatubia eram o habitat de uma raça pigmea¹⁵³. Estas pessoas andavam nuas ou semi-nuas, «vivem nas rochas, são grandes ladrões e muito detestados». Forbes, portanto, não declarou ter visto essas pessoas pequenas, e a sua ilação é duplamente cautelosa: «These people may possibly be Negritoes» (Forbes 1885: 467). A existência de negritos em Timor nunca foi confirmada, mas a assunção de Forbes foi tomada muito a sério por alguns antropólogos portugueses, por exemplo Barros e Cunha¹⁵⁴.

Significativo é o *habitat* dos supostos negritos de Timor, o seja o interior desconhecido e misterioso. Assim chegamos ao segundo ponto a sublinhar nestas notas conclusivas, que é a oposição entre o litoral e o interior. Nas ilhas do arquipélago sudeste-asiático, em geral, os habitantes das zonas costeiras e visitantes de outras terras associavam quase automaticamente os «mountain people» com selvajaria e violência, atraso e inferioridade – e assumiam que tinham uma aparência insólita ou assustadora (Forth 2008; Roque 2011; Schouten 1998b). Estórias arrepiantes sobre os «mountaineers» eram amplamente difundidas, também entre os europeus que viviam no arquipélago, como atesta em Díli a queixa gritante de Isabel, parente do governador de Timor: “É bem triste saber-mo-nos só cercados por assassinos!”¹⁵⁵

Um nome empregue para os «incivilizados» do interior, das Filipinas até Timor, era o de «Alfuru». Forbes (1885: 362) por exemplo chama «Aléfuru» aos habitantes do interior da ilha de Buru e confia que «[t]inha grande curiosidade em ver estes povos do interior, com quem tem existido pouco contacto». John Wilson (in Forster 1991: 53-54), ao descrever as zonas timorenses de Batugade e Lifau, contrastou os habitantes do litoral com aqueles das montanhas, e julgou que estes são mais agressivos, mas mais saudáveis e ativos. Wilson sempre mostrou o seu desprezo pelos «selvagens», e até designava, por exemplo, os nativos de Alor e ilhas vizinhas «inumanos» (in Forster 1991: 59-60). Contudo, no seu parecer sobre Timor implicitamente indicou os dois lados da medalha: Os que vivem na montanha são mais fortes, e a explicação implícita é

¹⁵³ Forbes 1885: 466-467 [1884: 406]. O termo inglês empregue é «dwarfish».

¹⁵⁴ Cunha 1937: 378. Mendes Correia, antropólogo com muita autoridade durante o Estado Novo, refere que um «núcleo pigmoide central» foi observado em Timor por D. Nyëssen, antigo médico colonial holandês (adepto de teorias de raças, com relações amigáveis em Portugal). (Correia 1944: 11; Correa 1955: 11). Curioso é que neste opúsculo, em que Mendes Correa relata a sua visita de 1953-54 à ilha, está incluída, na página XI, uma fotografia do autor na companhia de um homem magro e baixo, tendo como legenda «Dando esmola na margem da Lagoa da Laga a um nativo de tipo pigmoide».

¹⁵⁵ Tamagnini 2002 [1883]: 49. Ver declarações semelhantes em Schouten 2014: 214.

a sua vivência no meio da natureza. Até Henry Forbes refere que os residentes nas costas de Timor às vezes têm hábitos pouco recomendáveis, como fazer apostas com os quais já estavam a “contaminar” alguns habitantes do interior. (Forbes 1884: 408; Schouten 1998a: 55-56). Hoje em dia, como está amplamente registado, em Timor e noutras ilhas do arquipélago manifesta-se ainda entre habitantes do litoral, nomeadamente nos meios urbanos, um menosprezo para «orang gunung», pessoas da montanha, pouco «civilizadas».

O último ponto a ser discutido aqui refere-se ao convívio dos investigadores com as pessoas que querem conhecer, ou das quais precisavam obter informação. Como vimos, o fenómeno de *lulik* foi um grande obstáculo nestas ambições. Era um problema para a pesquisa de Péron e Lesueur não apenas por causa do crocodilo, o animal sagrado que queriam matar e dissecar, mas também por várias outras razões. Ao nível prático, por exemplo, tinham de se adaptar a um novo modo de montar cavalos devido à interdição do uso de selins¹⁵⁶. Noutros casos, a inventividade de Lesueur e Péron possibilitou a realização dos seus objetivos, apesar da existência de *lulik*. Felizmente, deixaram-nos relatórios minuciosos do seu empreendimento, não apenas contando os resultados, mas também o caminho difícil, com altos e baixos, percorrido até concretizar o intento. Quanto a Forbes, este deve ter sentido grande frustração com a onnipresença das regras de *lulik*, que se revelaram uma enorme barreira para alcançar precisamente o seu objeto de interesse mais importante: animais e plantas. Por ser dependente de timorenses com poder, Forbes tinha de obedecer às restrições, no entanto nunca demonstrou respeito para com eles, como evidencia a sua escapada noturna para terras sagradas, prematuramente abortada.

O último autor referido, Riedel, também era confrontado com terreno proibido mas para ele esta circunstância não parece ter sido um problema. O facto de ser representante do governo das Índias Holandesas distinguia-o dos exploradores anteriormente referidos. Todavia, este estatuto não era suficiente porque, como referido, um outro oficial com o mesmo estatuto foi multado por líderes timorenses por uma transgressão semelhante. O facto de Riedel, nas suas palavras, não ser contrariado deve-se, pelo menos em parte, à sua personalidade autoritária (ver Schouten 2014).

Considerações finais

Um antropólogo, afim de suceder no seu trabalho de campo, necessita de uma boa comunicação com as pessoas pelas quais se interessa profissionalmente. Dificuldades podem surgir não apenas por razões linguísticas mas também por circunstâncias práticas, como por exemplo a confrontação com hábitos e crenças diferentes e os preconceitos que todas as pessoas têm, sejam elas antropólogas ou não. Idealmente, um

¹⁵⁶ Nesse período e nessa região. Fontes posteriores referem o uso de selins por timorenses, por exemplo Forbes 1885: 424, 449.

antropólogo deveria dominar a língua (no seu sentido mais amplo) do «outro», e ultrapassar os preconceitos. Isso é uma tarefa quase impossível também nos dias de hoje.

Pelos exploradores examinados neste artigo, as regras de ouro de comunicação, tolerância e adaptação não foram completamente seguidas. Viveram num tempo diferente, em que a antropologia era uma ciência incipiente. Aliás, Péron e Lesueur, Forbes e Riedel não podiam ser classificados como antropólogos e a prática da etnografia constituiu apenas uma pequena parte das suas atividades. Mas todos eles nos deixaram testemunhos preciosos que contribuem para uma compreensão da(s) sociedade(s) do Timor contemporâneo.

Bibliografia

- Barlow, Henry. 1995. Anna Forbes. A naturalist's companion in the Far East. Em: Gullick, John (org.) *Adventurous women in South-east Asia. Six lives.* Pp. 246-270. Kuala Lumpur: Oxford University Press.
- Barnes, R.H. 1974. Lamalerap: A Whaling Village in Eastern Indonesia'. *Indonesia* 17: 137-159.
- Barnes, R.H. 1995. Lamakera, Solor. Ethnohistory of a Muslim Whaling Village of Eastern Indonesia. *Anthropos* 90, 4:497-509.
- Barnes, R.H. 1996. *Sea hunters of Indonesia: fishers and weavers of Lamalera.* Oxford: Clarendon Press.
- Bligh, William. 1790. *A Narrative of the Mutiny on board His Majesty's Ship "Bounty"; And the Subsequent Voyage of Part of the Crew, In the Ship's Boat, from Tofoa, one of the Friendly Islands, to Timor, a Dutch Settlement in the East Indies.* London: Nicol.
- Castro, Affonso de. 1862. "Résumé historique de l'établissement portugais à Timor, des us et coutumes de ses habitants", *Tijdschrift voor Indische Taal, Land en Volkenkunde* 11: 465-506.
- Castro, Affonso de. 1867. *As possessões portuguesas na Oceania.* Lisboa: Imprensa Nacional.
- Corrêa, A.A. Mendes. 1955. *Um mês em Timor. Palestras na Emissora Nacional.* Lisboa: Boletim da Sociedade de Geografia de Lisboa
- Cunha, J.G. Barros de. 1937. A autenticidade dos crânios de Timor do Museu da Universidade de Coimbra, e o estado actual dos nossos conhecimentos sobre o problema da composição étnica da população de Timor. *Revista da Faculdade de Ciências da Universidade de Coimbra* 6, 3: 327-383.
- Deleuze, J.P.F. 1816. Éloge historique de François Péron, em Péron, Francois e Freycinet, Louis de Saulces de, *Voyage de découvertes aux terres australes* Vol. 2, appendice. Pp. 434-457. Paris: Imprimerie impériale.
- Ellen, Roy F. 1978. The contribution of H.O. Forbes to Indonesian Ethnography: A Biographical and Bibliographical Note. *Archipel* 16: 135-159.

- Farram, Steven Glen. 2004. *From 'Timor Koepang' to 'Timor NTT': a political history of West Timor, 1901-1967*. Tese de Doutoramento, Charles Darwin University, Darwin.
- Forbes, Anna 1887. *Insulinde: Experiences of a Naturalist's Wife in the Easter Archipelago*. Edinburgh: Blackwood.
- Forbes, H.O. 1877. Metereological notes from Lisbon. *Nature* 16: 265. 2 August 1877.
- Forbes, H.O. 1884. On some of the tribes on the island of Timor. *Journal of the Anthropological Institute* 13: 402-430
- Forbes, Henry O. 1885. *A naturalist's wandering in the Eastern Archipelago. A narrative of travel and exploration from 1878 to 1883*. London: Sampson Low, Marston, Searle & Rivington.
- Forster, Honore. 1991. *The cruise of the "Gipsy". The journal of John Wilson, surgeon on a whaling voyage to the Pacific Ocean, 1839-1843*. Fairfield, WA: Ye Galleon Press.
- Forth, Gregory. 2008. *Images of the Wildman in Southeast Asia. An anthropological perspective*. London: Routledge.
- Freycinet, Rose 2003 [1817-1820] *A Woman of Courage: The Journal of Rose de Freycinet on her voyage around the world 1817-1820*. Rivière, Marc Serge (org.) Canberra: National Library of Australia.
- Guedes, Armando Marques. 1996. *Rituais igualitários. Ritos dos caçadores e recolectores Atta de Kalinga-Apayao, Filipinas*. Tese de doutoramento, Universidade Nova de Lisboa
- Gullick, John (org.) 1995. *Adventurous Women in South-East Asia: Six Lives*. Kuala Lumpur: Oxford University Press.
- Hamy, E.T. 1874. Documents pour servir à l'anthropologie de l'île de Timor. *Memoire extrait des Nouvelles Archives du Muséum d'Histoire Naturelle de Paris*, pp. 245-268
- Kammen, Douglas. 2016. *Three centuries of conflict in East Timor*. Singapore: NUS Press.
- Lombard-Jourdan, Anne. 1997. François Péron et Charles Lesueur à Timor. Une chasse au crocodile en 1803. *Archipel* 54: 81-121.
- Lombard-Jourdan, Anne e Lombard-Salmon, Claudine. 1998. Les Chinois de Kupang (Timor), aux alentours de 1800. *Archipel* 56, 1: 393-428.
- McWilliam A.R., Palmer, L. e Shepherd, C. 2014. Lulik encounters and cultural frictions in East Timor: past and present. *The Australian Journal of Anthropology* 25, 3: 304-320.
- Melville, Herman. 1851. *Moby Dick; or, The Whale*. New York: Harper & Brothers.
- Meyer, Adolf Bernhard. 1875. Über die Beziehungen zwischen Negritos und Papuas. *Zeitschrift für Ethnologie* 7 (1875), pp. 47-48
- Meyer, Adolf Bernhard. 1876. *Die Minahassa auf Celebes. Eine Reiseerinnerung. Vortrag, gehalten im März 1876*. Berlin SW: Verlag von Carl Habel.
- Meyer, A. B. 1879. Exploration of Timor, *Nature* 21: 108.

- Meyer, A.B. 1889. *Album von Célebes-typen*. Dresden: Stengel & Markert.
- Meyer, A.B. 1899. *The distribution of the Negritos in the Philippine islands and elsewhere*. Dresden: Stengel.
- Morgan, Kenneth (org.) 2015. *Australia circumnavigated: the voyage of Matthew Flinders in HMS Investigator, 1801-1803*. Volume 1. London: Ashgate
- Oliveira, Alexandre Manuel Morais Costa de 2006 *Olhares sobre Timor: Contextos e processos da Antropologia para Timor*. Dissertação de mestrado, ISCTE. Lisboa.
- Pélissier, René (1996) *Timor en guerre. Le crocodile et les Portugais (1847-1913)*. Orgeval.
- Péron, Francois e Freycinet, Louis de Saulces de. 1816. *Voyage de découvertes aux terres australes*, Vol. 1 e 2. Paris: Imprimerie impériale
- Riedel, J.G.F. 1885a. Timor en Onderhoorigheden in 1878 en later. *Indische Gids* 7, 1: 1-12.
- Riedel, J.G.F. 1885b. De compromitteerende aftocht van den resident W.G. Sikman van Molo (binnenlanden van Timor) in October 1881. *Indische Gids* 7, 2: 1264-1267.
- J. G. F. Riedel, J.G.F. 1887. Die Landschaft Dawan oder West-Timor. *Deutsche geographische Blätter*, 10, 2: 227-236; 10, 3: 278-287.
- Roque, Ricardo. 2010. *Headhunting and Colonialism. Anthropology and the Circulation of Human Skulls in the Portuguese Empire, 1870–1930*. Houndmills: Palgrave Macmillan.
- Roque, Ricardo. 2011. *Mountains and black races: anthropology's heterotopias in Colonial East Timor*, versão online de 15 de dezembro, 2011, em <http://www.historyanthropologytimor.org/> (acedido a 9 de janeiro de 2017).
- Schouten, Maria J.C. 1998a. *Leadership and social mobility in a Southeast Asian society. Minahasa, 1677-1983*. Leiden: KITLV Press.
- Schouten, Maria J.C. 1998b. Fascinado pelo Outro: considerações acerca da história da antropologia”, *Domus - Revista Cultural* I: 135-145.
- Schouten, Maria J.C. 2014. Nineteenth-century ethnography in West Timor and the wider world: The case of J.G.F. Riedel. *Journal of Asian History* 48, 2: 205-226.
- Schulte Nordholt H. G. 1971. *The Political System of the Atoni of Timor*. Haia: Nijhoff.
- Sikman, W.F. 1885. Een zelfverdediging van den heer W. F. Sikman, *Indische Gids* 7, 2: 1123-1125.
- Tamaginini, Maria Isabel d'Oliveira Pinto da França. 2002. *Diário de uma viagem a Timor (1882-1883)*. Lisboa: CEPESA.
- Wallace, A.R. 1962. *The Malay archipelago*. London: Dover. [1869.]
- Weber-Van Bosse, A. 1904. *Een jaar aan boord H.M. Siboga*. N.d. 2a edição. Leiden: Brill.
- Zimmerman, Andrew. 2001. *Anthropology and Antihumanism in Imperial Germany*. Chicago: University of Chicago Press.